



R

Há um momento na vida de indivíduos e nações em que decididamente é necessário parar para pensar e buscar soluções e caminhos civilizados para corrigir situações anômalas e extemporâneas surgidas ao arrepio da ordem e do interesse público, sob pena de ser-se tragado por voragens de desmandos e varridos por tempestades de inadequações e ilegalidades. O indivíduo não pode fugir à sua responsabilidade, os Poderes Constituídos não se podem omitir em face de obrigações que compreendem sua razão de existir.

UMA ESCALADA DE ABSURDOS

Já havíamos mergulhado no descrédito absoluto, agora caímos no ridículo. Todas as pessoas lúcidas e de bem deste país estão envergonhadas.

O interesse é nacional por projetar-se de princípio constitucional de índole pétrea, mas é também do cidadão comum, que não se pode deixar arrastar pelo turbilhão de anomalias em curso no Brasil, entre elas a privação indevida e sorrateira do seu direito à informação. E dos órgãos diretamente atingidos, tal é o caso da Rede Globo de Televisão.

Anteontem, quarta-feira, dia 11 de Agosto,

— este mesmo fato vem ocorrendo com a TV Cultura, canal 32 do Rio de Janeiro, sendo certo que neste momento, e desde o último domingo, o sinal da emissora está ausente do meu televisor, que apenas exibe a informação “sem sinal” —

às 20:30, liguei a televisão no canal 4-Globo para assistir o Jornal Nacional. Não entrou, a tela da TV preta, nada. Tentei a programação automática, continuou tudo igual; tentei a programação manual, nada. Na sequência, na tela preta, apareceu a mensagem “sem sinal”. Tentei a edição de canais, manual, incluindo o canal na grade, programando-o; nada mudou, a tela continuou preta exibindo a mensagem “sem sinal”. Deixei o aparelho ligado no canal até às 23:30, a tela continuou preta, exibindo a mesma mensagem. Todas as demais emissoras operavam normalmente, menos a Globo e a Cultura; com a Globo ocorreu pela primeira vez, com a Cultura vem acontecendo há algum tempo. Se está acontecendo comigo, está acontecendo com outras pessoas. Atenção Globo, e Cultura, vocês estão sendo excluídos da grade de canais dos receptores de TV. Verifiquem isso! Não é o ponto limite? Nós, telespectadores, estamos perdendo vocês, que estão perdendo audiência, o que implica perdas de naturezas diversas. Sem falar nos aspectos legais da questão, cuja preservação é parte dos nossos deveres empresariais e de cidadão, de todos, afinal.

Reproduzo abaixo o Artigo de 18 de Julho de 2017, Excelências e Mediocridades.



Uma fisionomia curiosa, rara e desabusada, entre o grave e o *blasé*, uma frase de efeito acorde a *mise en scène*: “O Brasil não suportará uma nova crise, voto com o relator”. O *take* no melhor estilo, menos que meio corpo, a expressão estudada em destaque, puro cinema.

Por que uma nova crise? O afastamento e, como dizia “Seu” Saldanha, vida que segue. Em termos razoáveis, não há para onde piorar. Melhoraria, certamente, devolveria a confiança no equilíbrio e na ponderação das decisões nacionais. Depois, impossível nova crise quando estamos enfiados até o pescoço na crise iniciada há cerca de 3 (três) anos — da qual o que está aí é consequência e parte — e que está longe de acabar. Há pouco, pouquíssimo, o blog falou nos espasmos da Economia celebrados pelos amigos como início da recuperação econômica. Dissemos, aqui, estar o país uma bagunça; ontem mergulhou no descrédito absoluto, hoje poderá estar desmanchada de vez a autoridade administrativa, em plenário poderá plasmar-se a inviabilidade. As circunstâncias em que a frase “Tem que manter isso, viu?” não podem ser ignoradas, em que pese o instinto de sobrevivência executado não inconscientemente, mas de forma perceptiva e cônica a informar não a espada sobre o pescoço alheio, senão que sobre o próprio pescoço. Digam o que disserem, encenem as pantomimas que se permitirem, nada restará de credibilidade e decoro, não será mais de falar-se em crise profunda, mas da moralidade perdida que se refletirá intensa e abrangentemente.

Além do “Tem que manter isso, viu?”, houve o episódio da Reserva do Cobre, inexplicável à luz da mais tímida razoabilidade, malas de dinheiro fugindo de cantinas paulistanas, esbanjamento de dinheiro público para assegurar posições altamente discutíveis — dinheiro sem o qual Universidades estão paralisadas, a Saúde em pedaços, a Segurança um arremedo —, os índices econômicos caindo nos Serviços, no Comércio, na Indústria, com vieses superiores a 7% (sete por cento), o preço dos alimentos caindo não por qualquer outra causa senão que pelo fato das pessoas, das famílias, estarem comendo menos, provocando sustos nos supermercados, tangidos a promoções e à baixa dos preços. Não há segurança econômica quando falta insofismavelmente credibilidade, quando impera irrestrito o “para os amigos, tudo!” E sem segurança econômica, bem!..., é preciso dizer mais alguma coisa?

E para finalizar a do velho Professor, um ícone para significativa parcela de nós, na respeitável velhice uma posição incompreensível. Tem que ficar! Ficar por que e para quê, Professor? O Brasil das pessoas decentes, trabalhadoras e realizadoras está envergonhado de suas lideranças; como, sem dignidade, alavancar um país, erguê-lo do lodo pegajoso e contaminante? Como nos livrarmos dos efeitos referidos em Fantasias, artigo de segunda-feira, 16, anteontem, e em A Semana Passada 3 – Fantasia e Sacanagem, Educação de Alta Qualidade e Universalizada, também de anteontem. E a titular da Administração anterior, querido Professor, não se enquadra na sua equivocada referência; ela apenas não conseguiu misturar-se, explorar ou patrocinar esse vergonhoso espetáculo de toma lá dá cá que nos engolfou a todos e ao Brasil. O senhor não se recorda do político mineiro no episódio da escolha do novo Ministro da Justiça? “A Dilma virou as costas para nós e a tiramos, como vamos tirá-lo também”. Virar as costas, para esses senhores, é não participar de sua farra de verbas e cargos sem se importar com o esbanjamento de dinheiro público.

O país, necessitado, ansioso por excelências, anuviou-se; confuso, já não consegue distingui-las da mediocridade solapante e cúmplice a levar tudo de roldão.

